

## **A COMUNA DE OAXACA**

*Diego Marques Pereira dos Anjos<sup>1</sup>*

Em 2016 completaram-se 10 anos dos eventos históricos em torno da chamada A Comuna de Oaxaca, confluência da mobilização de diversos setores da sociedade oaxaqueña<sup>2</sup>, estado do sudeste mexicano. Professores, estudantes, mulheres, diversas categorias de trabalhadores, jovens, organizações políticas atuaram incansavelmente entre os meses de maio e setembro de 2006 criando assembleias populares, coletivos de propaganda, grupos de apoio-mútuo e autodefesa construindo manifestações de rua, comitês de negociação com as instituições do estado mexicano e, em determinados momentos, a gestão da quase totalidade do espaço urbano da capital do estado, processo este que culminou com Assembleia Popular dos Povos de Oaxaca<sup>3</sup>, APPO. Se a vida da Comuna foi breve, igualmente às outras centenas de experiências revolucionárias dos trabalhadores, suas experiências deixaram aprendizados e a consciência de que as atuais condições sociais, sob o neoliberalismo ou regime de acumulação integral<sup>4</sup>, produzem tendências à radicalização das lutas sociais, daí a importância da correta compreensão dos movimentos revolucionários.

Somente um trabalho mais extenso foi publicado no Brasil sobre a comuna, uma coletânea de textos organizadas por Gilson Dantas (2009) contudo, a tonalidade trotskista com a qual se observou os acontecimentos não possibilitou a ele expressar por completo os elementos revolucionários da comuna, e onde expressou elementos revolucionários, como ao demonstrar a radicalidade assumida no processo de auto-organização, sua única proposta para a Comuna é a de eu quadros verdadeiramente revolucionários tomem a direção da Comuna (2009). Apesar disso, o livro reúne diversas informações (sobretudo a cronologia dos acontecimentos) e facilita o acesso do leitor brasileiro ao conhecimento do que ocorreu em Oaxaca ao longo do ano de 2006. Alguns artigos e trabalhos dissertativos

---

<sup>1</sup> Professor do Instituto Federal Goiano – Campus morrinhos. Doutorando em ciências sociais pela Universidade de Brasília. Militante do Movimento Autogestionário.

<sup>2</sup> Na forma aportuguesada escreve-se Oaxaqueña.

<sup>3</sup> Asamblea Popular de los Pueblos de Oaxaca, APPO.

<sup>4</sup> Para a compreensão do fenômeno das mutações na acumulação capitalista, ou seja, a história do capital, a leitura fundamental e que baseia este estudo é da obra de Nildo Viana, O capitalismo na era da acumulação integral. São Paulo: Ideias e Letras, 2009.

também fazem parte da escassa bibliografia sobre o tema no Brasil, apesar do fenômeno ter acontecido a um espaço de tempo relativamente grande, o que possibilita reflexões mais aprofundadas, atividade infelizmente ainda não realizada.

Relembrar os 10 anos da Comuna de Oaxaca exige que nos apropriemos do materialismo histórico na tentativa de reconstituição do processo social que produziu o levante da classe trabalhadora oaxaqueña. O estado, e sua capital homônima, Oaxaca, fazem parte de uma totalidade mais ampla, que é a sociedade mexicana, com suas características fundamentais e gerais, tal como ser uma sociedade capitalista e regulada por instituições capitalistas, e que se reproduzem no estado de Oaxaca, bem como este possui suas características específicas e particulares, que se referem às tradições históricas e culturais compartilhadas pela população local. Assim, a relação social fundamental que impera no México, a produção capitalista de mais-valor, auxiliada pelo estado nacional, se reproduz em Oaxaca, estado de com grande número de comunidades de camponeses e descendentes dos povos indígenas de tradição Asteca (como os Mixtecos e os Zapotecos), região onde se iniciou a colonização espanhola na América Central e que em período posterior foi o berço de personalidades da história mexicana que sintetizam tendências políticas com grande influência no país: Benito Juárez no período das guerras de resistência à ocupação Francesa, Porfírio Díaz, presidente militar à época da primeira etapa de modernização capitalista do México, e os grandes revolucionários Ricardo, Enrique e Jesus, conhecidos como os Irmãos Magón.

São múltiplas as determinações que produzem a rebelião popular em Oaxaca, logo, os objetivos deste trabalho têm de ser o de trazer à reflexão a existência de cada uma das determinações conhecidas ao longo de leituras, conversas com companheiros sensíveis ao tema, pesquisas em sites e em material de propaganda de movimentos sociais e mídias alternativas e toda a sorte de eventos que podem ocorrer a aqueles que se interessam pelo que é potencialmente destruidor da sociedade atual.

### **Neoliberalismo e disputa intraburguesia. A devassa neoliberal**

Qualquer compreensão aprofundada da sociedade Mexicana requer o conhecimento das mudanças nas relações produtivas e na reorganização do estado

nacional ocorridas nas últimas décadas. Não temos espaço para apresentar em detalhes o movimento de reestruturação nas relações de trabalho, a liberalização ampliada da legislação sobre o movimento do capital (chamada abertura econômica ao mercado mundial), a precarização e desaparecimento de políticas sociais e projetos de desenvolvimento nacional formulados pelo estado, o crescimento do desemprego e do subemprego, a generalização do trabalho precário nas indústrias maquiladoras<sup>5</sup>, o crescimento ampliado do tráfico de drogas e do crime empresarial, a explosão de violência urbana envolvendo os membros da classe trabalhadora em todo tipo de criminalidade e de violência banal, contrastando com o crescimento do turismo como grande atividade geradora de renda<sup>6</sup> ao lado do dinheiro enviado pelos que migram para os EUA para os familiares em milhares de cidades do México<sup>7</sup>.

No início da década de 1980, a crise dos juros da dívida pública, que atingiu diversos países subordinados, serviu como mecanismo para intensificar a transferência de mais-valor para os países de capitalismo central; neste mesmo contexto, iniciou-se a absorção das ideias de reforma do estado e da economia, soando a partir de então os mantras da privatização, redução dos gastos e da participação do estado na economia, liberalização da regulação do capital, ênfase no pagamento da dívida pública, ampliar as concessões, assistencialismo substituindo políticas sociais, dentre outras medidas que conformam o chamado “receituário neoliberal”. Portanto, a introdução do neoliberalismo no México, iniciada no governo do presidente De la Madrid (1982-1988), reproduz o modelo geral de políticas de restrição dos gastos do Estado em termos de política social e financiamento da produção local, incluindo a privatização, terceirização, desmonte dos direitos sociais e da legislação trabalhista, etc. Um especialista mexicano nos afirma o seguinte a respeito das novas políticas do Estado Mexicano:

*En términos generales, incluyen políticas de ajuste macroeconómico y reformas de tipo estructural: entre las primeras se contemplan la apertura comercial, la austeridad en*

---

<sup>5</sup> Maquiladoras são literalmente empresas montadoras de mercadorias cujas peças foram produzidas em outros lugares e cujo destino final é, geralmente, um país mais desenvolvido onde essas mercadorias são vendidas a um preço muito maior devido à alta taxa de exploração do trabalho; seus trabalhadores atuam por demanda de produção, com direitos trabalhistas reduzidos e sob intensa jornada de trabalho.

<sup>6</sup> Apesar da violência generalizada, o México é um país que atrai um grande contingente de turistas que dividem espaço com a pobreza local, assim como o Brasil.

<sup>7</sup> No topo da lista das principais atividades econômicas no PIB Mexicano, encontra-se a extração de petróleo, o turismo e o dinheiro dos migrantes.

*el gasto público, una prudente gestión monetaria y, como objetivos prioritarios, la estabilidad financiera, el control de la inflación y el pago de la deuda; las segundas se articulan alrededor de tres ejes: el sistema fiscal para incrementar ingresos, la desreglamentación interna (que prevé la eliminación del control de precios, de las subvenciones y de cierta rigidez en el mercado del trabajo) y externa (apertura hacia el exterior mediante la reducción de derechos aduanales y el abandono del régimen de licencias de exportación así como el libre arribo de inversiones extranjeras), y las privatizaciones (que contribuirían a reequilibrar temporalmente las finanzas públicas) (REVUELTAS, 1993, p. 222).*

Para regulamentar o processo de reestruturação das relações de produção, o Estado nacional viabiliza um amplo movimento de reforma na legislação, legalizando as novas relações exigidas pelo capital na sua fase de acumulação integral:

- Reforma fiscal garante a drástica redução do gasto público, manter e fundamentar diminuição do déficit nas contas do estado; em 2000 nova lei mantém os princípios da reforma fiscal, *Ley de presupuesto y responsabilidad haciendaria*;
- Reforma do artigo 27 da Constituição Federal pondo fim à proibição da venda das terras comunais, os *ejidos*, que foram conquistados com a reforma agrária pós-revolucionário, agora os *ejidos* podem ser alienados, objetivo é reforçar o mercado de terras e facilitar investimento privado, além de marcar o abandono das políticas da produção agropecuária;
- Reforma energética possibilita a participação privada na geração, transmissão e distribuição de energia, o que antes era monopólio estatal;
- Reforma no artigo 123 da constituição flexibiliza as relações de trabalho, objetivo: eliminar pagamento por dispensa, negociação coletiva e contratos obrigatórios para a indústria, ingresso obrigatório nos sindicatos, fim dos requisitos de promoção com base na antiguidade no trabalho;
- Reformas dos artigos 25, 26 e 28 da Constituição Federal colocam pela primeira vez nos últimos 50 anos limites à intervenção do estado na economia; estabelece as áreas reservadas exclusivamente à atuação do estado e os fundamentos da participação privada nos setores prioritários (MARQUES, 2014, pg. 141/2).

O estado neoliberal mexicano é a expressão da submissão total da classe capitalista mexicana frente às investidas do capital estadunidense, o segundo transformou o primeiro em uma fonte de mão-de-obra barata e fonte de consumo de produtos e serviços de lazer, turísticos e consumo de drogas. A natureza subordinada da burguesia mexicana em relação aos EUA é expressão de um estado criminoso e aliado ao crime empresarial (de drogas, de armas, de pessoas), que tem entre seus membros pessoas vinculadas à violência extremista, como no caso dos assassinos dos 43 estudantes de *Iguala*, no estado de *Guerrero*, no ano de 2014.

O retorno da violência extremada se repete num contexto de radicalização das lutas políticas, tal como no início do século XX, em fins da década de 1960, fim dos anos de 1980, até chegarmos às lutas políticas da atualidade, envolvendo estudantes, luta em torno da

negação do sistema eleitoral (como o movimento *Yo soy 132*), camponeses, professores, trabalhadores urbanos, movimentos guerrilheiros, coletivos de autodefesa. O acirramento da luta de classes no México produziu o mais famoso dos movimentos guerrilheiros na atualidade, o EZLN, apesar de que nosso momento histórico tenha demonstrado o erro político das concepções guerrilheiras, como o foquismo e o maoísmo, e que tiveram uma relativa aceitação nas décadas de 1960 e 1970.

À maior exploração interna que as burguesias nacionais impõem aos seus trabalhadores corresponde uma intensificação da luta política, pressão de grupos de interesses, manifestações de rua, encontros políticos, conflitos violentos que se desenrolam no turbilhão de tentativas de se direcionar, conter ou retardar a aplicação das políticas neoliberais. A violência com fins políticos é um dos principais recursos de um estado que apoia grupos para-militares, é omissos nos processos de julgamento de agentes da repressão militar ou civil-empresarial, e ainda conta com um dos contingentes militares mais bem armados de toda a América Latina e, mesmo assim, ou talvez por isso, cresce a violência política e de crimes do cotidiano.

As mobilizações de trabalhadores e estudantes mexicanos no final dos anos de 1960 (MARQUES, 2014), acrescido da crise universal de acumulação do capital desse período (VIANA, 2009) precipitaram o modelo de acumulação atual, sendo que a reestruturação produtiva (tendo como objetivo aumentar a taxa de exploração do trabalho) e o estado neoliberal são gestados no processo de saída da crise.

Reprodução ampliada do capital, mercantilização universal da vida, universalização do modo de produção capitalista têm como custo um sistema universalmente instável, que drena mais-valor das regiões subordinadas para os centros do imperialismo ao mesmo tempo que também transfere mais-valor acumulada para novas frentes de expansão ou consolidação do capital. Este processo provoca uma hiper-concentração da mais-valor acumulada produzindo, desta forma, sociedades cada vez mais desiguais e conflituosas. Está ficando cada vez mais claro que a saída para a crise capitalista, formulada ao longo dos anos de 1970 e 1980, acabam por produzir mais insatisfação social, rejeição às propostas políticas e instabilidade na vida cotidiana nas cidades. O atual ciclo de lutas deve ser rastreado no interior da acumulação integral.

Todo esse movimento que se desenvolve nas relações sociais de produção (com a introdução de novas forças produtivas, nova divisão do trabalho ainda mais precária e exploratória, etc.) produz consequências nas relações políticas, nos projetos políticos que materializam interesses dos diversos grupos e classes sociais existentes na sociedade Mexicana. Na primeira metade dos anos de 1970, seguiu-se uma intensa repressão estatal e um refluxo das lutas sociais, embora diversas guerrilhas tenham surgido em zonas de mata e rural, contudo, já a partir de meados da década novas lutas sociais vão surgindo, inicialmente, entre os trabalhadores que primeiro foram atingidos pela reestruturação produtiva, os trabalhadores dos setores mais modernos da produção, tais como “*los metalúrgicos (con los siderúrgicos y obreros de la industria automotriz), los petroquímicos y trabajadores de la aviación*” (RAMOS, s/d), seguidos pelos eletricitas, ferroviários, bancários, que se opõem frontalmente às medidas adotadas desde fins dos anos de 1970 e ao longo de toda a década de 1980. Greves, manifestações de rua, acampamentos e toda forma de pressão tinham como objetivo alcançar reivindicações sobre aumento salarial, de pensões e aposentadorias, redução da jornada de trabalho e melhores condições de higiene, segurança e estabilidade no trabalho, pontos estes atacados pela nova acumulação capitalista.

Trabalhadores de diversas categorias, bem como funcionários do Estado, estão constantemente em mobilização no México, esse processo se reforça a longo da década de 1980 em grandes ondas de reorganização, com manifestações de rua, plantões<sup>8</sup>, grupos de ajuda, comitês cívicos, organizações de bairro, oposições e movimentação da base dos sindicatos. Nas últimas décadas, diversos foram os focos de mobilização e resistência operária e dos trabalhadores em geral, desde metalúrgicos e mineiros, a professores, ferroviários e demais trabalhadores do setor de transportes, eletricitas, operários da indústria de alimentos e de bebidas, da construção civil, e diversas categorias de trabalhadores da administração do estado (saúde, educação, técnicos, etc.). Entre as

---

<sup>8</sup> Nas notícias e material informativo encontramos a palavra “plantón”, que refere-se a um acampamento permanente realizado em praça pública como instrumento de pressão à obtenção de uma medida. Muito semelhante ao acampamento na Praça Tahrir, no Cairo, à Praça Taksim, em Istambul, ao acampamento da Praça Porta do Sol em Madrid, o Zugotti Park no bairro de Wall Street em Nova York, dentre centenas de outros exemplos. Ao que parece, a ocupação territorial de espaços urbanos está se consolidando como um importante instrumento de organização da classe trabalhadora e demais grupos subordinados (mulheres, jovens, estudantes, movimentos étnicos, de orientação sexual, etc.) em suas lutas na atualidade.

grandes mobilizações são lembradas as dos funcionários da Unam e a dos mineiros da siderurgia Sicartsa, pois a radicalidade e extensão dos métodos de luta destes resumem as ações adotadas pelos trabalhadores mexicanos e outros grupos oprimidos que estão se organizando. Ocupações de edifícios públicos, caravanas, mitíns (comícios), bloqueio de pistas e outros instrumentos de ação direta são colocados na prática pela base dos trabalhadores, rompendo com décadas de contenção das mobilizações dos trabalhadores realizada pela burocracia sindical, que no México é parte integrante da engrenagem de extração de mais-valor reconhecida pelo estado, verdadeiro mecanismo de correia de transmissão de ideias e de freio da organização dos trabalhadores.

Até o início do século XXI, são diversas as explosões de movimentos reivindicativos dos trabalhadores. Dentre as várias categorias, são os professores um dos grupos com maior coesão, organização e unidade mantidos ao longo do tempo. De fins dos anos de 1970 à primeira década do século XXI, a categoria esteve regularmente organizada e combativa frente às reformas laborais do estado neoliberal, que picotou ao longo dos anos boa parte dos benefícios e das políticas sociais conquistadas ao longo dos anos. Um quadro descritivo deste tempo nos é dado por Gerardo Ramos:

En 1979 dio comienzo la insurgencia magisterial, que aún no termina. Iniciada en Chiapas, debido a la elevada carestía como consecuencia de las nuevas explotaciones petroleras e hidroeléctricas, la agitación del magisterio se extendió a Tabasco, la Laguna, el Politécnico, Guerrero, Michoacán, Oaxaca, Estado de México y otras entidades. Los ejes sobre los que ha descansado, descansa y seguramente seguirá descansando el movimiento de los trabajadores de la educación, son claros: aumento de salarios y sobresueldos, mejores prestaciones sociales y democracia sindical (RAMOS, s/d).

Tal movimentação, resultado da disputa entre as classes sociais, produziu algumas consequências no jogo político institucional, embora, não conteve o freio de institucionalização das políticas neoliberais. Após setenta anos de controle direto do poder estatal, o PRI (Partido Revolucionário Institucional) foi substituído no poder pelo PAN (Partido da Ação Nacional), e o PRD (Partido da Revolução Democrática) fica sempre nos limites políticos da ordem estabelecida, agente político importante para a governabilidade na atual conjuntura da sociedade mexicana, pois como partido socialdemocrata atua contendo e freando as manifestações dos trabalhadores e grupos oprimidos. É pelas mãos dos políticos destes três partidos, a nível federal PRI e PAN, e a nível estadual o PRD, que as políticas neoliberais vêm sendo elaboradas, implantadas e geridas, sendo aqui, a

expressão mexicana da falsa polarização política existente no Brasil contemporâneo entre PT, PSDB e PMDB.

### **Trabalhadores, mulheres, indígenas e estudantes. Os sujeitos da Comuna de Oaxaca**

O estado e, principalmente, a capital, também chamada Oaxaca, é um dos principais pontos de turismo (histórico, geográfico, cultural) do México. E por isso, não deixaria de ser engraçado que, dentre as reportagens levantadas na bibliografia do livro do professor Dantas, *Oaxaca: uma Comuna do século XXI*, a reportagem mais antiga extraída do acervo do jornal Folha de São Paulo chama-se “*Oaxaca resume cara interiorana do México*” (FSP *apud* DANTAS, 2008), uma matéria-propaganda para atrair turistas. Mas, a partir de maio e nos meses seguintes ocorrem mudanças substanciais no cotidiano da cidade, obrigando ao jornal Folha de São Paulo a desta vez ter um enviado especial na capital do estado, já que este estava sem instituições e com a população controlando a quase totalidade da cidade.

Patrimônio Cultural da Humanidade, Oaxaca vivenciou diversos processos importantes no período colonial, sendo um dos centros da colonização espanhola na região da América Central, daí que a herança indígena e espanhola esteja presente em sua arquitetura, alimentação, histórias populares, festas religiosas.

Modelos analíticos podem encaixar o processo de mobilização da população de Oaxaca de diferentes formas: revolta indígena camponesa, aliança classista dirigida pelos professores, revolta cidadã, levante do México profundo e indígena, etc.; mas é certo que, ao ser lembrada historicamente sob o nome de Comuna de Oaxaca, os eventos que lhe cercam se envolvem em um alto nível de ruptura com o cotidiano e a normalidade da sociedade moderna, com o poder das instituições dominantes, com os cálculos de reprodução ampliada do capital, enfim, com a própria lógica da vida social contemporânea, capitalista. Eis o desafio de apontar a linha constitutiva, o significado social, a importância histórica da Comuna. A tarefa é compreender o turbilhão de movimentos, processos, fatos, situações e eventos em torno da Comuna, e neste caminho encontramos a seguinte



síntese, presente numa obra que tem como objetivo preservar a memória daqueles dias<sup>9</sup>, e que sinaliza com este quadro geral dos acontecimentos em torno da Comuna de Oaxaca:

*Petardos cayendo del cielo. Sublevación popular. Gobierno en clandestinidad. Autos incendiándose. Radios piratas. Guerra sucia. Manifestaciones masivas. Servidores públicos despachando en residencias particulares y hoteles de lujo. Rostros ensangrentados, contusiones. Líderes sociales cuestionables. Kaibiles como policía. Delincuencia. Desapariciones selectivas. Muertos. Grupos de autodefensa. Personas al margen del conflicto. Fuego cruzado de declaraciones. Foros de consulta ciudadana. Toque de queda. Zozobra. Las Iglesias politizadas. Campanadas, cohetes, silbatos. Congreso y Senado maniatados. Temor e incertidumbre. Exilio de familias adineradas. Carros de supermercado retacados de piedras. Población civil indignada. Negligencia informativa. Bombas molotov. Fallecimientos y desfallecimientos. Policía secreta. Cateos. Despotismo. Colapso económico. Mano dura. Opositores presos o en clandestinidad...* (LEYVA, 2008, p. 22).

A nossa perspectiva para compreender este turbilhão de fatos é que, em Oaxaca, a expansão do capitalismo avança sobre os últimos resquícios de um modo de vida (pressupondo atividades econômicas, políticas, culturais, sociabilidade, etc.) pré-capitalista (de tradição indígena) ou não-capitalista (camponeses), além de acarretar maior exploração sobre os setores produzidos pelo capitalismo (tais como trabalhadores assalariados, estudantes), e esta amálgama de modos de vida resiste em ações explosivas que ocorrem regularmente na região, demonstrando assim as contradições existentes entre a expansão da produção capitalista, que atualmente ocorre sob o modelo neoliberal, e o modo de vida de uma grande parcela da população do estado bem como dos setores já explorados pela acumulação capitalista.

*Una de las zonas de Oaxaca y de todo México en la que, por su importancia geoestratégica, más daño han hecho los planes de desarrollo como el PPP ha sido el Istmo de Tehuantepec. Ya en los años 90 el gobernador Diodoro Carrasco proponía la realización de un megaproyecto que incluía ámbitos como el forestal, agropecuario o hidroeléctrico entre otros. José Murat, ya con el PPP en marcha, utilizaba el soborno y la represión para avanzar en la construcción de, por ejemplo, la «megacarretera» del Istmo. El despojo de las tierras se realizaba con la ayuda del PROCEDE, plan gubernamental que otorgó títulos individuales en tierras con regímenes de propiedad colectiva, permitiendo su posterior venta. Tras él, la intención de finiquitar las tierras que, en régimen de bienes comunales, no sólo impiden el avance de los proyectos neoliberales, sino que suponen el fundamento de todo un modo de vida que incluye formas de organización socio-política reales y alternativas a las que giran en torno de la sacrosanta propiedad privada y el individualismo* (SANCHEZ, 2009, p. 132).

---

<sup>9</sup> O livro Memorial de Agravios, sob organização de Levyva, é composto de vários relatos e de um acervo de imagens que registraram diversos acontecimentos ao longo dos dias do levante Oaxaqueño.

É no interior deste processo que é compreensível a afirmação de João Branco como sendo a Comuna de Oaxaca a explosão de um modo de vida:

Os acontecimentos de Oaxaca em 2006 estão de fato além de uma simples revolta, sendo mais a erupção generalizada de um **modo de vida** que remete à diversidade que caracteriza o estado, aos costumes dos chamados *pueblos originários*, às populações indígenas e, por isso mesmo, este modo de vida reúne toda a criatividade e o espírito de resistência que emanam desses povos. Oaxaca foi um momento de desafio ao poder e de inspiração de um “outro” exercício da política. Ao mesmo tempo, foi um momento dramático e agudo da História, um momento que condensa os 520 anos de tragédia no México e na América Latina (BRANCO, 2015, pgs. 16/17).

Mercantilizar a terra, este é o principal recurso da atual fase do capitalismo avançando para a região de Oaxaca, a conquista de novas terras e de suas riquezas naturais. Daí o papel dos representantes políticos, agentes do estado nacional mexicano, como ponto de lança do processo de avanço do modo de produção capitalista na atualidade na região de Oaxaca. Os conflitos explodem regularmente devido a este desenvolvimento contraditório impulsionado pelas próprias forças parasitas.

Em outro ponto da sociedade oaxaqueña descobrimos que há uma sensível piora na qualidade de vida dos trabalhadores assalariados, sobretudo nas cidades, reforçando um trajeto histórico de superexploração dos trabalhadores nos países de capitalismo subordinado. É de setores específicos da população que estamos em contato, falamos dos trabalhadores do comércio, dos serviços, das poucas indústrias existentes, dos artesãos, vendedores de lojas turísticas, funcionários de empresas especializadas no turismo, mas também de professores de zonas rurais, comunidades de camponeses, funcionários públicos do baixo escalão ou subordinados (como trabalhadores da limpeza, segurança, auxiliares-gerais, etc.), desempregados, sub-empregados (trabalhadores ambulantes, sem carteira assinada, alguns vendedores), e diversas categorias de trabalhadores dos ramos dos comércios, industrial, setor de serviços que são afetados pela inflação, desemprego, acesso restrito aos serviços públicos, moradias precárias, alimentação insuficiente, doenças originadas pela urbanização desorganizada e péssima estrutura sanitária das cidades e favelas.

Em um contexto de ilegalidades e fraudes históricas emerge a figura de Ulises Ruiz Ortiz como vencedor das eleições para governador de Oaxaca em 2004. Faltando-lhe reconhecimento popular, Ruiz mantém a política de serviços públicos limitados e de

estrutura precária e desfavorável ao desenvolvimento e, assim, em Oaxaca é sentido de maneira mais forte a precarização e minimização das políticas sociais e desenvolvimentistas do estado mexicano, tendo como consequência o abandono à sorte do dinheiro vindo dos imigrantes e turistas:

*Sin contar con industrias, empresas ni actividades financieras que puedan sostener la existencia de todos sus pobladores, la mayoría de los habitantes de Oaxaca se mantiene con las remesas de dólares enviadas por los aproximadamente 600,000 inmigrantes originarios del Estado. En la ciudad de Oaxaca, donde actividades comerciales en todas las escalas sostienen la vida comunitaria, la circulación de efectivo depende del mayor comprador y empleador en el mercado: el gobierno oaxaqueño. Sólo los empresarios hoteleros, restauranteros y de servicios, con sus tarifas estratosféricas, obtienen recursos del turismo que visita la entidad, sin dejar de contar con el subsidio –encubierto o descarado– del gobierno local. El turismo, por cierto, ha colocado a Oaxaca y sus ciudades entre las de vida más cara del mundo, aunque los salarios en la entidad son de los más reducidos a nivel nacional (LEYVA, 2008, p. 11).*

Com este quadro social foi rápida a expansão do movimento por diversas cidades e regiões do estado:

*Esta rebelión ciudadana, con sus muy diversas formas de movilización, se concentró al principio en la región de los Valles Centrales de Oaxaca, y poco a poco se fue extendiendo a las diferentes regiones del estado, donde se tomaron palacios municipales y hubo marchas y bloqueos para luego propagarse a otros estados, donde también se crearon asambleas populares. Lo más intenso de la confrontación tuvo como centro álgido la capital del estado, y de inmediato y a gran velocidad se propaló a las diferentes regiones. Por ejemplo, en un pueblo de la Mixe Alta el mismo 14 de Junio fue expulsada la policía estatal y al día siguiente, a más de 300 kilómetros de la capital, cientos de indígenas afiliados a la UCIZONI<sup>10</sup> bloquearon la carretera Transistmica en protesta por la agresión policiaca (BEAS, 2015, s/d).*

O início do movimento é com a greve dos professores, mas a intensa repressão desencadeou uma onda de apoio popular aos docentes, inclusive incentivando diversos outros setores dos trabalhadores a se organizarem, bem como atraiu um grande apoio de mulheres, que posteriormente iriam criar suas próprias organizações, e também um número expressivo de jovens e estudantes atraídos pela mobilização popular. A demora em negociar e o desprezo pelas reivindicações dos professores levam ao movimento grevista a radicalizar nos métodos, adotando o acampamento na praça central como espaço de organização. Após dias de greve, iniciada em fins de maio, o governo decide desalojar o acampamento dos professores por meio de uma extensiva operação policial envolvendo cerca de três mil policiais estaduais; iniciada ainda na madrugada, a

---

<sup>10</sup> Unión de las Comunidades Indígenas de la Zona Norte del Istmo.

desocupação foi noticiada ao vivo pela *Radio Plantón*, radio dos professores que funcionava no acampamento.

Contrariando as expectativas de Ulises Ruiz (também conhecido como URO) saíram às ruas trabalhadores desempregados, estudantes, militantes políticos, organizações políticas, enfim, diversos setores da população oaxaqueña reagiram à violenta desocupação expulsando os agressores policiais ainda antes de findar a manhã do dia 14 de junho. Com a notícia de que a *Radio Plantón* havia sido destruída pelas forças militares, os estudantes decidiram por ocupar a *Radio Universidad* (da *Universidad Autónoma Benito Juárez de Oaxaca-UABJO*), dando início então à uma mobilização popular com poucos precedentes na história do México, marcada pela organização, radicalidade e participação popular.

Dois dias depois da grande repressão de 14 de julho, acontece a maior manifestação de rua da história de Oaxaca, sendo esta a primeira de uma série de megamarchas reunindo milhares de pessoas de todo o estado. No dia 20 de junho, menos de uma semana após a tentativa de desocupação do acampamento dos professores, é fundada a APPO.

Nas próximas páginas iremos apresentar uma pequena síntese das influências diretas na Comuna de Oaxaca, elementos que consideramos da dinâmica de radicalização da luta de classes, notadamente, a emergência de aspectos revolucionários; iniciativas, atividades, organizações, pessoas envolvidas, os métodos de luta adotados e que indicam uma tentativa de rompimento com a ordem social estabelecida, criando novas relações sociais baseadas na associação e na auto-organização.

### **A organização política da Comuna de Oaxaca**

O organismo político da Comuna de Oaxaca foi a APPO, espécie de organização não-formal, de caráter assembleísta, auto-organizado, horizontal na forma de participação dos seus membros, isto é, sem hierarquias. As tarefas eram elaboradas, decididas e executadas por todos aqueles que participavam de alguma organização-membro da APPO, assim, esta era um espaço de auto-organização que surgiu como resultado da radicalização da greve dos professores iniciada em maio, da adesão dos estudantes, de organizações de mulheres, trabalhadores desempregados, camponeses, comunidades indígenas. A massa de grupos

subordinados e classes exploradas da sociedade oaxaqueña e levantava em organização coletiva e a APPO foi a sua criação.

Tendo em vista a APPO não ser uma entidade abstrata, acima da sociedade, é na interação dos diferentes grupos da sociedade que está a base da dinâmica de organização da APPO; como organismo político da Comuna a APPO reflete as disputas, interesses, projetos de diferentes grupos, desde aqueles interessados na radicalização e na generalização dos métodos e mecanismos de luta da Comuna chegando até perspectivas reformistas, apaziguadoras, ou oportunistas e interesseiras, seja no interesse eleitoral ou material.

Estudiosos atentam para uma cultura política da região de Oaxaca baseada nos usos e costumes indígenas da região, bem como nas tradições de resistência que se formaram desde a colonização espanhola e a imposição de um novo sistema político, o monárquico europeu. As comunidades de camponeses de origem indígena na região de Oaxaca indicam um outro modo de vida, o que alguns antropólogos mexicanos denominam de *comunalidad*, isto é,

a expressão de um modo de vida, que se estende na ideia do caráter coletivo, da identidade, dos saberes comunitários, articulando suas formas de organização (o trabalho, o território, a festa e o poder comunal) com os valores da vida em comunidade (BRANCO, 2015, 30/31).

Nestes termos, sustentam alguns autores que a *comunalidad* indígena alimentou a Comuna de Oaxaca:

*Esa resistencia tuvo que gestar nuevas formas para recrearse en el contexto de una urbanización caótica y salvaje, como la que han vivido la ciudad de Oaxaca y sus poblados conurbados. Una urbanización que devora las tierras comunes, seca los pozos, contamina los mantos acuíferos, llena de basura los campos, al tiempo que provee de empleos precarios, vivienda cara y servicios deficientes a los expulsados de las comunidades. Para subsistir, los nuevos indios urbanos trasladaron a la polis su comunalidad, su voluntad de ser colectivo. Es por ello que la revuelta oaxaqueña tiene en los barrios pobres de la capital del estado, en sus mujeres y jóvenes, un actor central. La Comuna oaxaqueña se alimentó e inspiró de la comunalidad indígena (LEYVA, 2008, p. 23/4).*

Baseando-se nos estudos de Gabriela Brayer, Branco afirma que a “cultura política” da região é marcada pelos princípios do auto-governo, decisão através das assembleias comunitárias e na rotatividade dos cargos dentro das comunidades. Contrariando os princípios dominantes da política institucional (autoridade, hierarquias, vínculos empresariais), os padrões organizativos das comunidades indígenas irão encontrar

ressonância nas posições mais radicalizadas da Comuna de Oaxaca, expressa em setores dos estudantes, em parcelas do professorado e nos trabalhadores que foram às ruas sem vinculação partidária ou sindical, revelando, assim, interesses contraditórios com os projetos de desenvolvimento capitalista na região.

Este modo de vida teria sido transposto das comunidades indígenas para a organização magisterial em torno da Seção XXII da SNTE, que é a base estadual do Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Educação, funcionando a Seção XXII como ponte de articulação entre comunidades índias e a organização magisterial (BRANCO, 2015). E nesta transposição do modo de vida das comunidades para a organização dos professores teria atuado o sindicato como o fio condutor da rebelião oaxaqueña, segundo Cássio Brancaleone (2007).

Compreender o movimento de criação da Comuna de Oaxaca tem como etapa fundamental situar a diversidade de “atores sociais” que se fizeram presente, e nesta diversidade saber localizar o elemento comum a todos estes “atores”. Se bem digo que os professores, sobretudo, os que estão presentes nas comunidades indígenas atuaram com firmeza e resistência e o fizeram influenciados pelas tradições comunitárias indígenas, esqueço que também atuaram estudantes e outros trabalhadores socializados no contexto moderno e urbano; por outro lado, se reduzo aos sindicatos a força diretriz do movimento da Comuna eu conscientemente desvio meu olhar da atuação dos desempregados que engrossavam as mega-marchas e as barricadas, as organizações de mulheres, os estudantes sem nenhuma atuação profissional, o movimento camponês, a forte presença de organizações políticas revolucionárias (comunistas, anarquistas revolucionários, organizações estudantis) e pseudo-revolucionárias (bolcheviques, sindicatos, partidos) e reformistas (ong’s).

Assim, a força da APPO, como mecanismo político da Comuna de Oaxaca, estava na sua composição reunindo mais de 365 entidades de trabalhadores, estudantes, indígenas, ambientalistas, organizações de direitos humanos, ong’s, associações de moradores, coletivos feministas e de mulheres. Por outro lado, o ponto fraco da Comuna foi o de ter tolerado em seu interior organizações contra-revolucionárias como sindicatos e partidos políticos, que a todo momento tentavam impor seus interesses particulares para o conjunto das organizações associadas. Se por um lado, o turbilhão de acontecimentos

empurrou os setores sem vínculo institucional para a radicalização, por outro lado, de dentro mesmo do movimento, forças contra-revolucionárias agiam, tentando internalizar os métodos de ação política reconhecidos pelo Estado e seu aparato judicial e político-institucional.

Neste sentido, o mais correto é falarmos que a APPO não foi uma organização no sentido formal do termo, tampouco uma organização burocrática (com corpo burocrático, estrutura organizativa, quadros políticos, hierarquia, disciplina), embora, certas correntes políticas dentro da APPO objetivavam que esta assumisse o caráter de uma organização com quadros, estrutura, dirigentes, etc.; se não foi uma organização formal, o que foi? Segundo Carlos Beas, “la APPO nunca fue una organización, fue la red de coordinación de los rebeldes; fue el espacio de comunicación de los insurrectos” (BEAS, s/d). Agrupando os setores pauperizados, o lumpemproletariado, o magistério descontente, os estudantes organizados, os trabalhadores sem emprego e os trabalhadores precarizados, e as organizações de mulheres; formando um contingente explorado e oprimido, os oaxaqueños se reuniram na Comuna e fizeram dela seu modo de expressão e organização antagonista ao modo de organização dominante que se estrutura nestes cinco séculos de colonização e posterior exploração capitalista, daí que a Comuna de Oaxaca exemplifica, em muitos de seus aspectos, as formas atuais de levante popular num ponto específico de uma sociedade (Oaxaca) marcada pelo capitalismo subordinado (México sob domínio do Império Estadunidense):

*Su forma de organización era horizontal y anti jerárquica por lo cual no tenía dirigentes ni comisiones formales, salvo algunos voceros sin poder ni mando. Asumió la forma asamblearia y sus demandas y aspiraciones eran maximalistas e innegociables; al grado que no tenía la aspiración siquiera de negociar la liberación de los presos o la destitución de funcionarios. Era el todo o nada; algunos la bautizaron como la primera revolución del siglo XXI y en cierta forma tenían razón, pues sus maneras y reclamos cuestionaban al sistema mismo (BEAS, s/d).*

Assim, a radicalidade da Comuna é fruto da combinação de elementos capitalistas (que se materializam em torno do proletariado) e elementos pré e não-capitalistas (com traços culturais de organização indígena ou modo de vida do campesinato, respectivamente pré-capitalista e não-capitalista). Na outra ponta, os elementos conservadores existentes no seio da Comuna representam parte das forças contra-revolucionárias existentes na modernidade capitalista, tais como a burocracia sindical e

partidária, e que foram toleradas em seu interior. Daí, que nos momentos finais, a cooptação de dirigentes:

*Algunos de los dirigentes habían hecho negociaciones con Ulises Ruiz y a pesar de la combativa manifestación de julio siguiente era evidente lo que no queríamos reconocer, que el movimiento había sido derrotado, que estaba muy dividido y en reflujó. Ya a estas alturas a las reuniones de la APPO solo asistía el 20 por ciento de sus delegados, lo cual era aprovechado por organizaciones vanguardistas para manipular y hablar a nombre de la Asamblea (BEAS, s/d).*

E a ruptura entre as chamadas “base”, setores presentes na organização concreta, cotidiana das barricadas, e “direção” (no caso, a tentativa de direcionar veio sobretudo dos setores legalistas presentes na direção do Sindicato dos professores) ruíram a APPO desde seu interior:

*Las barricadas supusieron para nosotros el acercamiento a la gente ya que en estos seis meses fuimos muchas veces invitados a formar parte de sus barricadas. La relación entre la APPO y las barricadas fue de alguna manera dejada y aislada ya que por la parte de la APPO no hubo una dedicación. Sin embargo, ellos han reconocido el valor que tienen en la resistencia. Los maestros eran la fuerza, pero quienes protegían a los maestros eran las barricadas. Fue así como pararon a los escuadrones de la muerte y se evitaron muchas tragedias a pesar que aun si tenemos con 25 muertos confirmados. Era la manera en que el pueblo podía participar del movimiento. Por la mañana el obrero tenía que ir trabajar y ellos, al igual que las mujeres, después de suas quehaceres diários, se pasaban noches enteras en vela resguardando una barricada, para volver a su trabajo diario a la mañana siguiente. Ellos no podían estar en um plantón o en uma marcha, pero su participación era a través de sua presencia em las barricadas. Así fue como el Pueblo mantuvo el movimiento, y no tanto las organizaciones (SANCHEZ apud BRANCO, 2015, p. 59).*

Além da organização da APPO como uma rede de coordenações dos rebeldes, a organização das barricadas atuou como o coordenador oculto do movimento do organismo político, pois ao reunir a massa da população nas barricadas conseguiu contrapor-se ao poder do estado, rechaçando a presença militar, ocupando prédios públicos e canais de comunicação, e o mais importante: auto-organização em todo o processo, o encontro das pessoas interessadas em gerir sua contestação com sua própria força.

Reverberando as considerações de Carlos Beas, afirmamos a existência de três eixos de radicalidade da Comuna de Oaxaca: a base social, composta por mulheres, jovens desempregados, professores e camponeses de origem indígena; a APPO como uma rede de coordenação dos movimentos organizada por meio da horizontalidade, e não uma organização centralizada, hierarquizada; e também o alcance da auto-organização popular, com o questionamento ao poder e às instituições dominantes (governos, partidos, meios



de comunicação, dirigentes, família patriarcal, machismo) (BEAS, s/d). Por outro lado, entre os fatores problemáticos e que emperraram o avanço da luta está a postura vacilante de aceitar a presença de organizações burocráticas, sindicatos e partidos, que buscam impor tanto sua forma de organização burocrática e hierarquizada, incompatível com o assembleísmo comunitário, quanto reivindicações, geralmente mais flexíveis e negociáveis, e projeto políticos que assumem tonalidades reformistas.

### **Repressão e auto-defesa**

As cenas de violência policial generalizada roteirizam qualquer documentário fiel aos eventos em torno da Comuna de Oaxaca, isto porque os níveis de repressão se intensificaram conforme crescia a organização popular e os governos e instituições estatais eram rechaçados. Desde a madrugada do dia 14 de junho quando ocorreu a primeira operação militar de desocupação do *plantón* dos professores ficou evidente o poder de mobilização militar do estado; até chegar o dia da maior operação militar, realizada em 29 de outubro, operação esta comandada pelo governo federal, os *oaxaqueños* enfrentaram uma campanha muito bem articulada entre repressão estatal e paramilitar. Diversas foram as ocasiões em que grupos armados e encapuzados saíram pelas ruas atacando qualquer sinal de mobilização ou espaços identificados com a Comuna.

A repressão generalizada foi um fator de precipitação da organização popular nas barricadas. Desde a tentativa de desocupação do acampamento dos professores no dia 14 de junho as autoridades do estado de Oaxaca tentaram de diversas maneiras se utilizar da violência como mecanismo de persuasão à não-participação das pessoas nas atividades públicas e políticas que se amontavam pela cidade em torno das reivindicações do magistério, reconhecidas por diversos setores da população na capital Oaxaca.

O paramilitarismo foi a atividade de repressão complementar utilizada pelo governo de Ulisses Ortiz e seus apoiadores. De dia, os agentes da polícia estatal reprimiam com uniformes da polícia oficial, e à noite reuniam-se em bandos bem armados e locomovendo-se em caminhonetes atacavam qualquer espaço ou reunião de pessoas identificadas com a Comuna, eram chamados de os “esquadrões da morte” de Ulisses Ortiz. Como parte da reação paramilitar do estado, no dia 09 de agosto três indígenas são assassinados quando

se dirigiam à uma assembleia da APPO; tempos depois, um ataque armado durante a realização de marcha pública assassina a José Jimenez Colmenares, destacado participante dos protestos populares.

Já na madrugada de 21 de agosto ataque armado à ocupação do Canal 09, destrói o transmissor a balas; na mesma manhã, o movimento, sem alternativas, decide por ocupar as rádios comerciais, antes do meio dia o movimento passa a controlar 13 rádios. Como os fatos em Oaxaca demonstram, a dinâmica da violência em momento de radicalização política é que a cada ato repressivo novos elementos entrem em cena, fazendo reagir setores ainda passivos e avançar os setores já organizados, embora, a repressão extrema possui grande eficácia em esvaziar as ruas e atos públicos.

Além da repressão paralela, prisões em massa, torturas, abusos sexuais, sequestros e desaparecimentos, foram recursos das forças militares obedecendo ordens do comando de burocratas do governo estadual que governava escondido e sorrateiramente em um quartel general distante da cidade, isto depois que todas as instalações dos órgãos do governo foram ocupadas pela população oaxaqueña<sup>11</sup>.

Ao precipitar a organização das barricadas, a repressão abriu um ciclo em que a disputa pelo controle do espaço da cidade foi fomentada pela participação e auto-organização a partir das barricadas e das ocupações de prédios e espaços públicos.

Sobre as barricadas uma constatação impacta: ao longo dos meses de vida da Comuna, mais de mil barricadas se organizaram em vários pontos da cidade. As barricadas atuaram como centro aglutinador dos mais radicalizados do movimento, bem como a formação de figuras públicas e mobilizadoras da Comuna, ou seja, as barricadas desenvolveram relações bem mais amplas que a função de auto-defesa e comunicação de diferentes grupos em distintos pontos da cidade, o que João Branco aponta como sendo as barricadas como “espaço educativo” (BRANCO, 2015, p. 58).

---

<sup>11</sup> “La APPO durante más de 5 meses tuvo el control no solo de la capital del estado, ocupando los edificios de la cámara de diputados, la suprema corte de justicia y los tribunales, la procuraduría de justicia, las secretarías de hacienda y de finanzas del estado, sino de varias regiones de Oaxaca, donde se destituyeron a los presidentes municipales impuestos por el espurio Ulises Ruiz y se crearon Ayuntamientos Populares” In <http://codepappo.org/barricada-de-la-verdad/>

Apesar da grande quantidade de barricadas, somente algumas delas ficaram nos registros dos eventos do Comuna de Oaxaca, entre elas citamos as barricadas *Brenamiel*, *Siete Cruces*, *Cinco Señores* e *Calicanto*, esta última a barricada onde morreu o militante norte-americano Brad Will enquanto documentava a Comuna. As barricadas firmaram o controle da Comuna sobre os espaços urbanos; professores e trabalhadores faziam o *plantón*, as mulheres ocupações e presença ostensiva nas barricadas, ao passo que estas por sua vez aglutinavam toda uma diversidade de setores da população, desde donas de casa, professores, trabalhadores, desempregados, jovens, estudantes. A todos o espaço era aberto, tratava-se de organizar a defesa do movimento contra as “caravanas da morte”, formada por militares e civis; e, também como espaço de organização: limpeza, alimentação, comunicação, encontros, atividades culturais. Os *barricadeiros* eram a ponta de lança na defesa da Comuna, mas também seu coração vivo, realizando a política na prática, a política cotidiana, do bairro. Daí que a diversidade de elementos que atraiu, concentrando e dando visibilidade mesmo aos elementos mais marginalizados da sociedade oaxaqueña:

*Convirtiéndose incluso, algunas trincheras, en guarida o centro de control de los desclasados, los parias, los “nadie”, que eran chavos banda, niños de la calle o jóvenes desempleados de los suburbios pobres de la ciudad, quienes arrebataron momentáneamente un poder que siempre les ha sido negado, al mantenerlos excluidos, invisibilizados, encontrando en esta lucha, un lugar protagónico, teniendo la posibilidad de decidir, aunque sea por unos cuantos días, quién podía pasar o no por su territorio, por su autoridad autoproclamada, confinada a unas cuantas cuadras (LEYVA, 2008, p. 22).*

Aglutinador dos setores radicalizados, das parcelas mais marginalizadas da população oaxaqueña espaço educativo e de organização, as barricadas foram o motor de movimento da Comuna, na verdade, foi um verdadeiro embrião de relações sociais não autoritárias e de experiência de organização para solucionar problemas concretos e demandar direitos e reivindicações:

Dentro da barricada, havia uma divisão de tarefas por grupos; pessoas responsáveis por fazer o atole (bebida de leite quente), grupos responsáveis pela limpeza, etc. Traçavam estratégias nos momentos de reflexão sobre a forma de defesa, influenciados pelas experiências de outras barricadas; A velocidade de mobilização dentro das barricadas por vez superava e ia além do que determinava a direção constituída do movimento; (...) Outro aspecto interessante na organização das barricadas e na sobrevivência do movimento foi o sistema de informações alimentado desde várias partes, bastava um telefone. Todas as pessoas do povo se converteram num sistema de inteligência da assembleia, se converteram em vigilantes, com isto sabíamos os passos dos inimigos com antecipação. Foi uma participação na qual o povo conseguia a informação, não

sabíamos nem como, e entregavam à APPO, explica Comunalidad (CARRANO apud DANTAS, 2008, p. 35/6).

Temendo a força dos *comuneiros*, a operação final de repressão à Comuna contou com a mobilização de

4.500 homens da PFP (muitos deles “emprestados” entre os efetivos do Exército e da Marinha), de 300 policiais estaduais e 120 homens da Agência Federal de Investigações, 6 helicópteros e 14 tanques atiradores de jatos de água. E se este razoável aparato e contingente de homens não fossem suficientes para desmobilizar a “minoridade de radicais” da cidade de Oaxaca, o governo federal também havia deixado de prontidão e à disposição do governador Ulises Ruiz nada menos que cinco mil militares, das três forças, especializados em operações de contra-insurgência, nas proximidades de Oaxaca (BRANCALEONE, 2007, p. 137).

*Um movimento de ocupações*, também pode assim ser compreendida a Comuna de Oaxaca, pois a participação massiva se deu através da atividade de se apropriar dos espaços até então controlados pela administração estatal. Como consequência, a série de ocupações de prédios públicos inviabilizou o funcionamento da quase totalidade das instituições do estado, incluindo as sedes dos poderes legislativo, executivo e judiciário, faltando somente a destruição dos aparelhos militares presentes no estado de Oaxaca.

### **Os meios de propaganda da Comuna**

Uma parte da movimentação da Comuna de Oaxaca girou em torno das ocupações dos meios de comunicação e do uso político da comunicação. Já antes mesmo da insurreição popular, a *Radio Plantón* transmitia em sua programação as atividades grevistas e organizativas do magistério; e foi com a destruição da *Radio Planton*, na desocupação do *Zócalo*, que se deu uma reviravolta na mobilização, inicialmente com a ocupação da *Radio Universidad* pelos estudantes e, posteriormente, com a ocupação de dezenas de outros meios de comunicação, estatais e privados, para uso do movimento.

Na Comuna de Oaxaca, a originalidade do uso político dos meios de comunicação foi o de combinar a produção de informação (como decorrência das ocupações das rádios, canais de tv) com a reprodução e divulgação da mobilização complementada com o uso das redes sociais e sites de mídia alternativa, destacando a atuação do Centro de Mídia

Independente, que à época aglutinava informações e militantes sociais de diversas regiões do mundo, contribuindo assim para uma divulgação massiva dos acontecimentos em Oaxaca. Inclusive, foi em Oaxaca que Brad Will tombou, depois de passar por diversas cidades latinas divulgando e documentando as lutas populares. Oaxaca e Brad Will são dois símbolos para a juventude militante de meados da década de 2000.

No que diz respeito ao combate de informações coube à *Radio Plantón*, à *Radio Universidad*, *Radio Cacerola*, e dezenas de outras rádios comunitárias, enfrentar o duopólio e o cerco informativo praticados pelos grandes conglomerados empresariais da comunicação em torno da TV Azteca e Televisa. Ainda sobre o uso da comunicação, destaca-se o papel das mulheres, que encabeçaram as ocupações dos canais de tv e rádios, popularizando-se com a tomada do Canal 09 e a criação de um programa dirigido por mulheres e informando das tarefas do movimento. Cabe lembrar que membros da Comuna que levantaram o debate interno sobre os limites da tomada dos meios de comunicação, apontando que não basta somente o uso das rádios e das tv's como instrumentos de agitação, é necessário a formulação de novos conteúdos, de desenvolver novas ideias e uma nova consciência, tal como mostra o documentário *Um poquito de tanta verdade*.

### **As mulheres da Comuna**

A presença das mulheres na Comuna de Oaxaca aponta para questões pouco debatidas na atualidade, tal como a distinção entre movimento das mulheres e movimento feminista; no presente momento, em que qualquer crítica que se levanta em relação ao movimento feminista é atacada por uma visão maniqueísta de mundo, querendo fazer parecer que todo movimento das mulheres é feminista, enquanto na verdade não é. A atuação das mulheres organizadas foi no sentido de intervir concretamente nos problemas da população, atuar nos espaços políticos (assembleias), coordenar ocupações, enfim, a presença da mulher na Comuna de Oaxaca é claramente expressa na seguinte fala de uma mulher em entrevista ao documentário *Oaxaca: el poder de la comuna*:

*Porque siempre tenemos que esta haciendo la comida, tenemos que esta limpiando, tenemos que esta sirviendo...cuando este es un movimiento en que nosotras tenemos la capacidad de hacer con nuestras propias manos (Oaxaca: el poder de la comuna).*

A presença das mulheres foi grande desde o início da greve dos professores, sendo que muitas delas engrossavam as fileiras da categoria. Em apoio ao acampamento dos professores apareceram mulheres que chefiam seus lares, militantes de organizações políticas, trabalhadoras ambulantes, mulheres camponesas e de comunidades indígenas. Assistir qualquer documentário sobre a Comuna de Oaxaca é perceber a grande presença feminina enfrentando fileiras de policiais, denunciando a violência policial e exigindo a liberdade dos presos políticos. A existência da Comuna se confundiu com a existência do Movimento de Mulheres que se estruturou. Tivesse sido vitoriosa, também seria vitoriosa as reivindicações das mulheres, sendo a principal delas a livre participação das mulheres em todos os processos decisórios da comunidade, ponto de partida para destruir as relações sociais opressoras entre os sexos.

No movimento de ocupações de prédios públicos e de meios de comunicação as mulheres foram protagonistas, organizando as ocupações, inclusive gerindo canais de televisão e rádios, criando programas, debates e propaganda das ações da Comuna. Tendo sua presença em diversos pontos da cidade, inclusive sendo um dos alvos preferenciais da violência policial, se faz necessário notar que pelas condições atuais do capitalismo (aumento da exploração, sobretudo das mulheres e crianças) as mulheres trabalhadoras estão acumulando uma quantidade de insatisfação e de potencial de revolta que irá inevitavelmente atropelar o psicodelismo ideológico, ou a total confusão de ideias, que impera no atual movimento feminista.

### **Jovens, estudantes e a Comuna**

A participação da juventude oaxaqueña foi ampla e pode-se dizer que a presença dos jovens, sendo que uma imensa parte não tinha vínculos organizacionais, e outra parte estava vinculada à organizações políticas de tendência revolucionária, tais como anarquistas, autonomistas e marxistas; a participação juvenil contribuiu para tensionar contra os interesses institucionalistas e reformistas presentes em certos grupos da APPO. Assim, a participação juvenil esteve presente tanto envolvendo jovens pobres moradores das periferias de Oaxaca, quanto jovens estudantes (secundaristas e universitários), grande parte deles membros de grupos políticos de esquerda.

A presença da juventude proletarizada ou lumpemproletarizada apresentou-se sobretudo nos conflitos de rua e no apoio às barricadas. Sendo estes jovens os que praticamente não tinham nada a perder, e que eram invisibilizados no cotidiano da cidade (muitos deles trabalhadores da rua, como ambulantes, prestadores de serviços gerais para o comércio local, ou fazendo bicos de qualquer tipo, como engraxar sapatos, vigiar carro, ou mesmo envolvidos com a pequena delinquência) estes encontraram no cotidiano das barricadas (com seus debates, trabalho solidário, alimentação comunitária) um espaço de acolhimento e de recepção, além de suas primeiras experiências políticas realizadas na prática das decisões, elaborações e execução das políticas adotadas pelas barricadas.

A outra parcela da juventude que atuou organizadamente contribuiu para frear as posições partidárias e sindicalistas que se interessavam na instrumentalização da APPO como mecanismo político institucional, geralmente de oposição aos partidos PRI e PAN e de tendência favorável ao PRD. Sendo verdade as tradições assembleístas e comunitárias das comunidades indígenas, também é verdade que a participação de organizações políticas de caráter libertário, autonomistas e marxistas revolucionários reforçou os elementos revolucionários da APPO e deu significado político à experiência da Comuna de Oaxaca. Sobre a presença das organizações políticas construídas por jovens e estudantes afirma Gustavo Esteva que:

Una inmensa variedad de grupos autonomistas y anarquistas emergió continuamente en el seno de la APPO. Fueron muy destacados en la creación y operación de las barricadas y tendieron en general a radicalizar el movimiento, aportándole la experiencia asamblearia e independiente que los caracteriza (ESTEVA, s/d, p. 2)

A APPO também convocou um encontro estudantil que reuniu cerca de mil estudantes de diversas regiões do México, tendo como um dos principais resultados impulsionar uma organização estudantil de caráter nacional (DANTAS, 2008, p. 31). A presença dos estudantes e dos jovens em geral demonstra o tamanho do apelo que a Comuna causou neste grupo da população mexicana. Os jovens foram os propagadores da revolta, agitadores de ideias e de posicionamentos políticos e também uma parte importante da massa que encheu as ruas de Oaxaca. A força dos jovens foi tanta que mesmo após a derrota da Comuna o governo mexicano insistiu em reocupar o último bastião de resistência, a *Radio Universidad*, primeiro local a se somar à resistência contra a desocupação dos professores do *Zócalo* no 14 de junho e que se tornou o local inacessível

às tropas das forças militares federais. A Batalha da *Radio Universidad* (ou Batalha da UABJO, *Universidad Autónoma Benito Juárez de Oaxaca*) tornou-se símbolo da união entre estudantes, trabalhadores e a população em geral, não sendo derrotados e expulsando as forças militares, cruéis e assassinas, enviadas pelo governo federal.

### **A disputa pela Guelaguetza**

Outro importante momento de impulsão da luta popular foi a tentativa do governo de Ulisses de suspender a festa anual da Guelaguetza<sup>12</sup>. Contrariando a expectativa do governador, as organizações e movimentos sociais da APPO promoveram a Guelaguetza alternativa, e buscaram resgatar o caráter tradicional, histórico, de origem indígena que dá o sentido à festa que vinha sendo instrumentalizada como uma data comercial dentro do ciclo do turismo de atrações históricas. Apesar da repressão e do boicote dos comerciantes e empresários, a realização da festa, em cooperação, pelos membros da APPO e pelos *barricadeiros* foi considerado um verdadeiro sucesso, revivendo os festejos populares e se tornando outra manifestação de organização popular.

### **Considerações finais**

A existência histórica da Comuna de Oaxaca estimula aos pensadores na perspectiva do marxismo a refletirem sobre dois campos de problemáticas: a primeira, as condições históricas e sociais em que vivem os países latino-americanos, tendo em vista um conjunto de determinações que existem na sociedade mexicana, mas que também são encontradas em diversos outros países da região; a segunda problemática levantada diz respeito ao aprendizado que a Comuna de Oaxaca proporciona para os elementos revolucionários de nossa época.

---

<sup>12</sup> As festividades da Guelaguetza ocorrem em Oaxaca desde o período anterior à invasão e colonização espanhola. De tradição das tribos que ocupavam a região de Oaxaca, cultuavam a Deusa Centéotl (deusa do maiz, ou milho em português) e era uma festividade para representar os trabalhos em comum realizados pelas tribos. Com a colonização as comemorações foram transmitidas para a Virgem del Carmem, uma das formas como a mãe de Jesus é concebida na ideologia Católica.



Sobre a primeira problemática suscitamos os seguintes pontos, alguns deles já levantados ao longo desta reflexão e outros pontos a serem refletidos, são eles:

- O México é um *locus* privilegiado de explosão das revoltas sociais na América Latina, tais condições dizem respeito aos elementos abaixo levantados:
- As Características da sociedade mexicana: várias formas de propriedade da terra, não somente a propriedade capitalista, mas também a propriedade *ejidal*, pertencente às comunidades de tradição indígena, propriedade coletiva, propriedade comum, que na prática é gerida pelo estado, assim, estas distintas formas de propriedade colocam em conflitos os respectivos possuidores destas propriedades; Outra característica importante da sociedade mexicana é a da tradição de lutas camponesas, de comunidades indígenas, de estudantes e trabalhadores assalariados;
- Uma economia em falência, parasitada pela produção dos EUA, até mesmo com a utilização extremamente barata da mão-de-obra nativa; Também o papel do crime empresarial e a corrupção sistêmica no Estado que lhe acompanham;
- As lutas populares refletem explosões de revolta na América Latina como um todo, na medida em que indicam a convivência de setores avançados da produção capitalista e pré-capitalista, tais como movimentos étnicos, camponeses, de trabalhadores assalariados e desempregados, somando a força do movimento estudantil radicalizado;
- Também é importante lembrar a existência de resquícios de movimentos guerrilheiros, o que torna a situação política nacional mais complexa, justificando a intensificação da repressão, os gastos militares, etc., bem como a necessidade de reflexão por parte dos movimentos políticos revolucionários;
- E ainda, a ausência de perspectivas burguesas para a saída da crise econômica e política, apontando para a necessidade de reconstrução da alternativa dos trabalhadores e demais grupos oprimidos.

A reflexão sobre estas determinações apontadas podem contribuir para a compreensão mais aprofundada sobre as condições atuais em que explodem as revoltas populares em diversos países da América Latina.

Por outro lado, a segunda problemática diz respeito aos avanços e limites ao longo da construção da Comuna de Oaxaca. Primeiramente, porque esta revolta popular ficou conhecida como Comuna? Ter uma referência direta à Comuna de Paris evoca o caráter radical do movimento, a destituição dos poderes estabelecidos e a criação de novos poderes baseados na organização da população (sobretudo dos trabalhadores, pois apesar de ter tido a participação de diversos setores da população, o seu grosso era composto por trabalhadores da educação, assalariados em geral, desempregados, lumpemproletários e comunidades subordinadas, como camponeses e indígenas), criando assim uma ordem baseada na auto-organização. Dois fatores dificultaram a consolidação da Comuna de Oaxaca e de seus aspectos mais radicais: primeiro, a intensa repressão estatal; segundo, o papel contra-revolucionário das forças partidárias e sindicais.

O primeiro erro da Comuna de Oaxaca foi permitir a presença de partidos políticos e sindicatos. A mobilização inicial dos professores não foi uma ação do sindicato, desde o início era a “base” da categoria que fazia a real pressão, presente no acampamento no *Zócalo* da cidade. E quando o movimento dos professores refluía era motivado pelas negociações que o sindicato realizava com o Estado, inclusive com os dirigentes ordenando diversas vezes a volta às aulas, embora sempre com a oposição do professorado. As forças partidárias orbitavam em torno do PRD e a aceitação de membros deste partido possibilitou a intensa cooptação de membros da APPO e a consequente utilização destes membros no jogo político institucional. Também a aceitação de forças pseudo-revolucionárias (como os bolcheviques), criou a ilusão de que a Comuna necessitava de uma direção, de um comitê central, o que na prática era a proposta equivocada, tendo em vista que todo o poder da Comuna vinha do levante popular, da massificação da participação da população, portanto, não foi a ausência de uma direção revolucionária (DANTAS, 2008) um problema para a Comuna, antes sim, as disputas pela direção e centralização se demonstraram como erros históricos, pois iniciaram os conflitos dentro da APPO e depois destas com a população em levante nas barricadas.

Desta forma, podemos afirmar que num primeiro momento a dualidade de poderes estava entre a APPO e o Estado Mexicano, momento este em que havia uma representatividade fiel dos delegados da APPO e dos participantes das barricadas, das organizações aderentes, etc. Num segundo momento, a dualidade passa a ser entre a

APPO e a população em insurreição e auto-organizada, isto ocorre na medida em que as forças contra-revolucionárias passam a corroer a representatividade da APPO em busca de parcelas de poder.

A experiência histórica da Comuna de Oaxaca representa a intensificação das lutas populares no continente latino-americano, intensificação esta que aponta para a auto-organização da classe trabalhadora como única resposta concreta à crise do regime de acumulação integral que está em crescente consolidação.

## Referências

- BEAS, Carlos. *El largo verano de la revuelta oaxaqueña*. Disponível em <http://www.justiciaparaoaxaca.net/2011/06/el-largo-verano-de-la-revuelta-oaxaquena-un-analisis-5-anos-despues/>. Acessado em 22 de Setembro de 2016.
- BRANCALEONE, Cássio. *Em busca do “governo barato”? A Assembléia Popular dos Povos de Oaxaca como experimento de (re)criação política*. Lutas Sociais. São Paulo: 2º sem. 2007 e 1º sem. 2008, nº19/20.
- BRANCO, João F. Migliari. *Movimento Docente, insurreição popular e propostas coletivas de educação alternativa em Oaxaca*. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2011.
- DANTAS, Gilson. *Oaxaca, uma Comuna do século XXI*. São Paulo, Edições ISKRA/Centelha Cultural, 2009.
- ESTAVA, Gustavo. *La APPO y la construcción democrática*. S/d. Internet.
- MARQUES, Diego. *As origens do estado neoliberal no México*. In CAMARGO, J. Marangoni (et. all) *Brasil e América Latina na crise do capitalismo global*. São Paulo: Canal 6 Editora, 2014.
- MARQUES, Diego. *O significado histórico do 02 de Outubro de 1968 no México*. In *Revista Posição* Ano 1, Vol. 1, num. 1, jan./mar. 2014.
- LEYVA, Rubén. *Memorial de Agravios: Oaxaca, México, 2006*. Oaxaca: Carteles Editores, 2008.
- RAMOS, Gerardo P. *México: un sexenio de lucha sindical (1976-1982)*. Disponível em <http://www.lahaine.org/mundo.php/mexico-un-sexenio-de-lucha-sindical-1976-1982>. Acessado em 17/01/2017.

REVUELTAS, André. *Las reformas del estado en México: del estado benefactor al estado neoliberal*. Política y cultura, nº 3, invierno de 1993, p. 215-229.

SANCHEZ, Sérgio. *Oaxaca: más allá de la insurrección. crónica de un movimiento de movimientos (2006-2007)* Oaxaca: Ediciones Basta! 2009.

VIANA, Nildo. *O capitalismo na era da acumulação integral*. São Paulo: Ideias e Letras, 2009.

## Filmografia

<https://www.youtube.com/watch?v=oehYAPOaC3c> Atenco romper el cerco (Documentário sobre a repressão policial na cidade de San Salvador Atenco, estes eventos aconteceram na mesma época da Comuna de Oaxaca).

<https://www.youtube.com/watch?v=IL7eA4nTxFU> Brad Will uma noite mais nas barricadas

[https://www.youtube.com/watch?v=\\_kAYVjT5rDc](https://www.youtube.com/watch?v=_kAYVjT5rDc) Granito de arena (Documentário sobre os episódios da mobilização dos professores).

<https://www.youtube.com/watch?v=3ezAl5AiWtE> Un poquito de tanta verdade (Documentário sobre a atuação das mulheres na tomada e ocupação dos meios de comunicação em Oaxaca).

## Sites

<http://coordinadorademujeres.blogspot.com.br/>

## Música

<https://www.youtube.com/watch?v=AoJFNmTFbu4> El son de la barricada, Mare e Raices.

[https://www.youtube.com/watch?v=tMpMOO AQ\\_9o](https://www.youtube.com/watch?v=tMpMOO AQ_9o) La Cumbia del Mole, Lila Downs.

## Imagens

<https://www.traficantes.net/var/trafis/storage/original/application/00d782160d4bb3dffd5aa5abc3f284da.pdf> Memorial de Agavios

## Vídeos

[https://www.youtube.com/watch?v=HW4PwMH2X\\_Q](https://www.youtube.com/watch?v=HW4PwMH2X_Q) Navarro No habrá recreo

[https://www.youtube.com/watch?v=8ZMmmwr\\_njo](https://www.youtube.com/watch?v=8ZMmmwr_njo) Cero en conducta Navarro

<https://www.youtube.com/watch?v=rJuX4djzzTI> Décimo aniversário da invasão ao plantón dos professores no Zócalo de Oaxaca

<https://www.youtube.com/watch?v=bBieTt9Meyw> Oaxaca, Octubre Negro. Parte 01.

<https://vimeo.com/19644451> El rol de las mujeres en la comuna

<https://www.youtube.com/watch?v=pVvNz-Vog5E> Oaxaca: el poder de la Comuna